

DA MORTE, DE VELÓRIOS E DE CEMITÉRIOS NO BRASIL

WILLIAM SEBA MALLMANN BITTAR

Arquiteto Urbanista, Especialista em Docência Superior, Livre Docente em Arquitetura, Professor Departamento História e Teoria (FAU/UFRJ) e Convidado do Mestrado Profissional Projeto e Patrimônio (PROARQ-FAU/UFRJ).
williamb@br.inter.net

RESUMO ABSTRACT

A presença da Morte associada ao espaço-reduto de sua atividade fim – o cemitério – é um anátema que produz um estranho interesse que atrai e rejeita, tal sua condição inexorável. Este espaço está repleto de significados que atestam fenômenos sociais como a estratificação social, símbolos, além de relações de poderes temporais e místicos. Estas inter-relações serão abordadas em seu aspecto ritualístico, considerando-se o espaço físico destinado ao sepultamento e sua inserção na paisagem cultural.

Palavras-chave:

cemitério, morte, sepultamento

The presence of Death associated with the space-place of one's final activity – the cemetery – is an anathema that produces a strange interest that attracts and rejects, such its inexorable condition. This space is full of meanings that confirm social phenomena such as social stratification, symbols, as well as relations of temporal and mystical powers. These interrelations will be approached in their ritualistic aspect, considering the physical space destined to the burial and its insertion in the cultural landscape.

Key words:

cemetery; death; burial



Nós, que aqui estamos, por vós esperamos¹

CONSIDERANDO QUE ESTA primeira edição da Revista *on line Paisagens Híbridas* tratará do recorte temático *Paisagem e Morte*, este texto retoma objetos centrais abordados em outras obras de nossa autoria, algumas já publicadas ou apresentadas em Congressos, adequando-as aos objetivos desta publicação, com ênfase em sua inserção na paisagem cultural no Brasil.

A presença desta *entidade imaginária da credence popular, representada, em geral, por um esqueleto humano armado de uma foice com que ceifa as vidas*² associada ao espaço-reduto de sua atividade fim – o

cemitério – é um anátema que produz um estranho interesse que atrai e rejeita, tal sua condição inexorável. A própria existência do véu ou capuz, dos mistérios, da figura mística embuçada, percorrendo beco, vielas e campos, seria suficiente para abonar esta abordagem.

O conseqüente “lugar do repouso eterno” está repleto de significados que atestam fenômenos sociais como a estratificação, os símbolos além de relações de poderes temporais e místicos.

A inexorável, a iniludível, a implacável, a única certeza da vida, *memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris*³, a presença desta entidade abstrata, que se materializa em um SER, palpável, temida, às vezes sequer pronunciada... Demarcando fronteiras entre o real e o imaginário, definindo espaços físicos e sociais, consolidando-se na memória coletiva.

O véu da morte será aqui tratado no seu aspecto ritualístico, considerando-se não apenas o espaço físico destinado ao sepultamento e sua inter-relação com a paisagem, mas também a cerimônia que precede este derradeiro(?) ato e a relação entre os que ficam e aqueles que “descansaram”, partiram “para outro mundo”, “desta para melhor” ou outros eufemismos nem tanto abonadores, como “partiu para a cidade dos pés juntos” ou “vestiu pijama de madeira”.

DA MORTE, DE VELÓRIOS E DE CORTEJOS

Laudômia, como todas as cidades,
tem a seu lado uma outra cidade
em que os habitantes possuem os mesmos nomes:
é a Laudômia dos mortos, o cemitério.⁴

Em alguns povos da antiguidade, certamente o medo infundido pela (in)existência da Morte, também gerava formas eufemísticas de tratá-la. Os gregos criaram o barqueiro Caronte, a navegar pelo Aqueronte, levando as almas dos mortos para os Infernos, onde reinava Hades que as julgava. *Vixit*, expressão utilizada pelos romanos, ilustra esta

habilidade para comunicar o falecimento de alguém, valorizando aquilo que foi vivido, evitando afirmar seu “desaparecimento” do mundo natural.

Esse eufemismo no trato com uma situação incompreensível e de difícil aceitação reflete-se até mesmo no substantivo utilizado para denominar o local de inumação. Foi adotado o termo cemitério, recolhido do grego *koimetérion*, pelo latim *coemiteriu*, ambos significando “dormitório” ou lugar de repouso.

Considerando o aspecto ritualístico, o culto aos mortos é um procedimento muito antigo, presente em diversas religiões, por vezes associado aos cultos agrários e da fertilidade, decorrente de uma relação direta entre o semear e o sepultar, ambos geradores de uma nova vida. Por isso pode ser festejado com banquetes e até mesmo orgias perto dos túmulos, costume que chega até nossos dias, presente em algumas culturas, como no Peru, onde a família leva comida e bebida ao túmulo do ente falecido, registrando o momento com fotografias anuais, ou México, onde se realizam significativos festejos no *Dia de los Muertos*, comemorado com *ofrendas*, música, foguetório e procissão de máscaras (Il. 1), para lembrar e relembrar antepassados e entes queridos que partiram para outros planos.

A maioria das fontes atribui a comemoração dos mortos, denominada Dia de Finados, originária na antiga Gália, no território europeu, celebrada no dia primeiro de novembro como a festa dos espíritos. Diferente da manifestação atual, não ocorria em cemitérios, quase sempre inexistentes, já que os gauleses não honravam os cadáveres, mas em seus lares, onde videntes falavam com as almas dos antepassados falecidos. Acreditavam ainda que os bosques, os pântanos eram povoados por espíritos errantes.

Após a Idade Média, o conhecimento acumulado colocado sob tutela da Igreja Católica, gradativamente foi democratizado, principalmente



Il. 1: Dia dos Mortos – México.

Fonte: <<https://www.360meridianos.com/especial/dia-dos-mortos-mexico-festa>>
acesso 05. jul.2018.

com a mudança de mentalidade que conferia ao homem sua importância no Universo.

A atitude antropocêntrica do Renascimento repercutiu em todas as áreas do conhecimento, nas ciências exatas, humanas, nos conhecimentos sobre o próprio corpo, seus males e o combate às moléstias com mecanismos de tratamentos, muitos dos quais apreendidos dos povos do Oriente durante as Cruzadas e a posterior corrida expansionista para além-mar.

O corpo humano não era mais considerado um recipiente ou invólucro unicamente submetido aos desígnios de Deus. Os estudos de anatomia, a dissecação de cadáveres e a aceitação do conhecimento já sedimentado no Oriente permitiam novas atitudes em relação à prevenção de doenças e sua disseminação.

A soberania da Igreja Católica era contestada com a Reforma Protestante, que influenciava diretamente nas novas formas de

pensamento e relações econômicas, indicando o acúmulo de capital como uma forma de progresso, colaboração com o semelhante e sustentáculo da própria religião.

No final do século XVII, após as decisões do Concílio de Trento e a posição pública da Contra Reforma, gradativamente indicava-se que os sepultamentos não mais deveriam ocorrer no interior dos templos. Certamente reflexo das novas medidas religiosas, associadas ao crescimento das cidades com subsequente aumento populacional, acarretando o crescimento da população funerária e a redução do prazo entre os sepultamentos. Os túmulos no interior das igrejas, abertos eventualmente para inumação de novos corpos, com o aumento da mortalidade, eram preenchidos em intervalos menores com novos cadáveres. Considerando as precárias condições de calafetação, os odores exalados pelos corpos em decomposição permaneciam quase de forma contínua, visto a constante chegada de novos ocupantes.

Tal situação, que já fora uma sugestão de aproximação com o ente finado, com os novos conhecimentos sobre salubridade, tornava-se uma ameaça à saúde da população, principalmente devido à crença, presente ainda no século XIX, que os miasmas pestilentos oriundo dos cadáveres seriam responsáveis pela terrível propagação de epidemias.

Por medida sanitária, os sepultamentos foram transferidos para locais abertos, inicialmente e preferencialmente fora dos limites da cidade, em espaços denominados campos-santos, associados às igrejas ou irmandades.

Tal forma de sepultamento, oficializada no Brasil a partir de meados do século XIX, era praticada entre povos de outras regiões e religiões como japoneses, chineses e judeus. Protestantes também utilizavam tal solução, conforme foi incorporado na Corte com a implantação do Cemitério dos Ingleses (Il. 2), em 1811, junto ao Saco da Gamboa, no Rio de Janeiro, antes mesmo de decisões oficiais.

No Brasil católico, o enterro fora do templo era reservado àqueles que não professavam a religião: protestantes, judeus, muçulmanos ou escravos e condenados.

Hodiernamente ocorre uma intensa visitação aos túmulos, com diferentes comportamentos, conforme as tradições locais. Há aqueles que se juntam sobre os túmulos dos seus amados, e ali passam o dia, fazendo-lhes companhia, como se, em verdade, eles ali estivessem encerrados; os que levam comidas e bebidas, para alimentar o espírito do morto; os que levam velas e flores para iluminar e alegrar a última morada.

A igreja católica instituiu a comemoração ao dia dos mortos no século X, celebrado nos mosteiros beneditinos franceses, oficializando-o em 1915, tornando-o mais religioso-cristão do que originário de culturas pagãs.

Em algumas regiões do Brasil é comum a associação do ritual de passagem para o “outro lado” com gurufins e festas regadas a bebida e pontilhada por “causos” e anedotário no decurso do velório – “beber” o falecido é atitude comum no sul da Bahia.

Nos mais antigos registros sobre cerimônias fúnebres no Brasil, o depoimento do jesuíta Fernão Cardim, arguto observador, relatando costumes dos nativos da terra do Brasil no alvorecer de sua ocupação estrangeira, ao final do século XVI, apresenta situações aparentemente extravagantes, porém passíveis de comparação com rituais dos séculos subseqüentes:

Para estas mortes e choros chamão os vizinhos e parentes, e se é principal, ajunta-se toda a aldeia a chorar, e nisto têm também seus pontos de honra, e aos que não choram lanção pragas,(...) ...o metem em um pote que para isso têm debaixo da terra, e o cobrem de terra, fazendo-lhe uma casa, aonde todos os dias lhe levão de comer...⁵ (Il. 3)

Colabora para este espírito festivo a influência africana, descrita com detalhes pelos viajantes estrangeiros ao Brasil, suas verdadeiras

PAISAGENS HÍBRIDAS



Il. 2 : Cemitério dos Ingleses no Rio de Janeiro em pintura de Maria Graham, 1823.
 Fonte: Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Cemit%C3%A9rio_dos_Ingleses_\(Rio_de_Janeiro\)#/media/File:EnglishBurialGround.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cemit%C3%A9rio_dos_Ingleses_(Rio_de_Janeiro)#/media/File:EnglishBurialGround.jpg)>. Acesso: 04. jul. 2018.



Il. 3: Urna mortuária de um chefe dos índios Coroado, segundo Debret.
 Fonte: DEBRET, Jean-Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. Tomo II. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1978.

comemorações que precediam os sepultamentos, que transformavam o séquito em um desfile quase carnavalesco.⁶

(...)o tambor aproveita essa parada para fazer rufar seus instrumentos(...)(...)erguem-se o negro fogueteiro, soltando bombas e rojões, e três ou quatro negros volteadores, dando saltos mortais ou fazendo ali mil outras cabriolas para animar a cena. (Il. 4)



Il. 4: Cortejo fúnebre do filho de um rei negro.

Fonte: DEBRET, Jean-Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. Tomo II. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1978. p. 208.

O sincretismo aqui ocorre e o branco de descendência europeia incorpora este espírito festivo, aparentemente incompatível com o sentimento da perda.

Assim, os mortos nos seus funerais eram alvos de um tratamento que ia desde a preocupação extremada com o vestuário aos cuidados com o caixão e com a armação da casa e da igreja. Os velórios e os cortejos eram ocasiões de festa, no sentido da concorrência de grande número de assistentes e acompanhantes (...) Esta estrutura poderia variar de acordo com as posses do morto e as de seus familiares (...) Esta forma de morrer, marcada pelo espetáculo “festivo” forneceu os pilares dos costumes e rituais fúnebres adotados por grande

parte da sociedade brasileira da Colônia ao Império.⁷ (RODRIGUES, 1997, p. 166).

Após a Proclamação da República esta festa fúnebre pouco se alterou em sua essência, modificando a fisionomia de sua manifestação. Ainda é comum o velório regado a bebidas alcoólicas e muita conversa, documentado fartamente pela dramaturgia, tratado como protagonista e até mesmo título da obra, adquirindo tons tragicômicos, como em *A morte e a morte de Quincas Berro d'Água*⁸, *o Morto do encantado morre e pede passagem*⁹, *o Enterro da Cafetina*¹⁰ ou pela música popular.

Há todo um preparativo que antecede o funeral propriamente dito, gerando figuras populares praticamente extintas nos grandes centros, o papa-defunto, figura tão presente no imaginário coletivo que torna-se verdadeiro estereótipo, como o célebre personagem do cinema brasileiro, incorporado por José Mojica Marins, o "Zé do Caixão".

Os agenciadores de coroas levantam-se de madrugada e compram todos os jornais para ver quais os homens importantes falecidos na véspera. Defunto pobre não precisa de luxo, e coroa é luxo. Logo que tomam as notas disparam para a casa do morto e propõem adiantar o que for necessário para o enterro, com a condição de se lhes comprarem as coroas.¹¹

Mais recentemente no Brasil, à feição de hábitos já consagrados em outros países, o ritual final pode ser programado pelo futuro finado, ingressando em "clubes" ou associações que oferecem o serviço pelas exéquias sem preocupação para os que ficam. A propaganda desses novos serviços chegou a provocar polêmicas e até ações públicas, nas quais fora alegado o desrespeito pelo idoso, como se só este fosse o alvo final¹². Nos periódicos nacionais é comum o oferecimento de novidades no setor funerário, inclusive com ofertas de serviços acessórios destinados aos familiares.

(...), empresas que atuam no mercado paranaense há mais de 10 anos, aprimorando constantemente a qualidade dos serviços prestados a seus clientes, especialmente, aos associados a planos de assistência em luto, após pesquisas e estudos, desenvolveram nova modalidade de exposição do corpo em sala de homenagens póstumas: simples, arrojada e de baixo custo, a inovação é denominada POMPAS FÚNEBRES.¹³

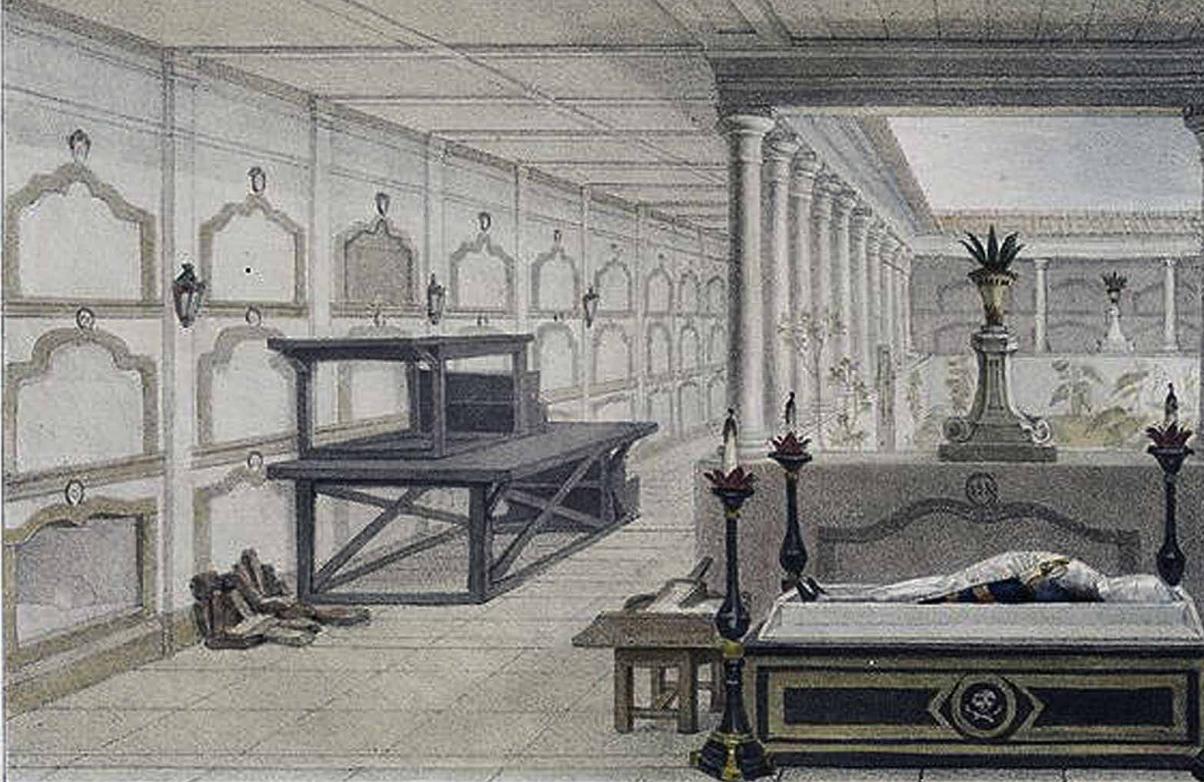
No entanto, preparativo não é atitude tão atual, pois viajantes estrangeiros, como Debret, no Brasil Imperial registraram a estratificação social presente também neste ritual, até na escolha dos esquifes.

Distingue-se nos serviços funerários brasileiros, dois tipos de esquifes para exposição e transporte dos corpos que são em geral enterrados com o rosto descoberto. O dignatário e o homem rico são depositados num caixão fechado por uma tampa de charneira; o cidadão de módica fortuna é transportado em caixão sem tampa. (...) cujo preço aumenta de acordo com o número e a largura dos galões de ouro e prata, finos ou falsos à escolha, que os enriquecem".¹⁴ (Il. 5)

Por vezes, em algumas regiões do nordeste do país, a cerimônia fúnebre ocorre com a participação de vizinhos, conhecidos, desconhecidos, mulheres contratadas – as carpideiras – que choram e entoam incências¹⁵ ao falecido, antes da partida do féretro

Uma incelença à virge da Conceição
Deus não permita que eu morra sem confissão.¹⁶

A morte, no Brasil, deve ser tratada com a particularidade que lhe é peculiar. Ainda que seja o objeto central, o instrumento, o agente responsável pelo falecimento, o falecido acaba prevalecendo sobre a morte. *Esquecer o morto é positivo, lembrar o morto é assumir uma espécie de sociabilidade patológica*¹⁷, mas *falar dos mortos já é*



Il. 5a e 5b: Catacumbas e sarcófagos, por Debret.
Fonte: DEBRET, Jean-Baptiste.
Viagem pitoresca e histórica
ao Brasil. Tomo II. Belo
Horizonte: Itatiaia/São Paulo:
EDUSP, 1978. p. 243.



*uma forma sutil e disfarçada de negar a morte, fazendo prolongar a memória do morto (...).*¹⁸

Aparentemente temida a morte, o contato com “os que já foram” é exaltado e venerado, contabilizando-se aniversários de vida e de morte daqueles que foram para o outro mundo.

Alma minha gentil que te partiste
tão cedo desta vida descontente
repousa lá no céu eternamente
e viva eu cá na Terra sempre triste (...)
(...) Roga a Deus que teus anos encurtou
Que tão cedo de cá me leve a ver-te
Quão tão cedo de meus olhos te levou.¹⁹

Histórias e estórias povoam o universo urbano e rural, chegando às emissoras de rádio, à música caipira e às páginas dos periódicos, como a célebre coluna e programa radiofônico de Almirante, por anos sucesso de público, *Incrível, Fantástico, Extraordinário*, que narrava, com detalhes, experiências sobrenaturais, muitas das quais presentes em reuniões, à beira das fogueiras dos galpões, em noites de pouca lua e muito silêncio, contado por empregados de campos-santos. Vale registrar um depoimento, recolhido pelo autor, de um funcionário da Administração do Cemitério de Inhaúma, Rio de Janeiro, em 08/02/2001: um senhor, cerca de sessenta anos, aparentemente saudável, dirigiu-se à administração do cemitério de Inhaúma, no Rio de Janeiro, na ocasião do sepultamento da esposa, solicitando uma catacumba junto dela para uma semana depois. Exatamente uma semana depois, o viúvo dava entrada no mesmo campo-santo. Mesmo saudável, após a cerimônia fúnebre da esposa, deitou-se em seu leito, sem alimentar-se ou ingerir líquidos, apesar dos apelos de filhos e netos, e faleceu.

Eram duas caveiras que se amava
pelo cemitério os dois passeava...²⁰

Apesar de cada vez menos freqüente, os retratos dos patriarcas ainda pendem das paredes das salas de estar ou de jantar, conferindo aos mortos a importância de intermediários com o sagrado, protegendo, guiando, enviando mensagens.

Abaixo dos santos e acima dos vivos ficavam, na hierarquia patriarcal, os mortos, governando e vigiando o mais possível a vida dos filhos, netos e bisnetos. Em muita casa-grande conservavam-se seus retratos no santuário, entre as imagens dos santos, com direito à mesma luz votiva de lamparina de azeite e às mesmas flores devotas. Também se conservavam às vezes as tranças das senhoras, os cachos dos meninos que morriam anjos. Um culto doméstico dos mortos que lembra o dos antigos gregos e romanos.²¹

O aparente temor também revela, na verdade, o cultivo de sua negação ao torná-la viva na visão de médiuns, premonições, avisos, presságios, seja de finados familiares ou desconhecidos, que insistem em povoar nossas mentes assim como ruas, becos e vielas de nossas cidades a pedir, vagar, cobrar, procurar, cumprir seus desígnios ou destino interrompido.

Surgem as procissões das almas,

Acontecem quase sempre em novembro – o mês das almas. Quando toda a cidade dorme, as velas da matriz de Nossa Senhora dos Remédios se acendem lentamente e a nave se enche de almas devotas para a assistência da missa. Terminada a cerimônia, forma-se a procissão, que contorna a igreja e a praça, murmurando orações. Pouco a pouco vão se diluindo, bem antes do sol raiar. Quem já assistiu a uma dessas manifestações de fé, impressionou-se muito ao reconhecer entre os passantes, velhos conhecidos, muitos deles levando velas acesas, que, na realidade, são ossos”.²²

E surgem as mulheres de branco, a moças-fantasmas, as donzelas assassinadas

Eu sou a Moça-Fantasma.
O meu nome era Maria,
Maria-Que-Morreu-Antes.²³

Há tanto tempo estou morta!
E continuo a penar.²⁴

DOS SEPULTAMENTOS, DAS SEPULTURAS E DOS CEMITÉRIOS.

Enquanto o ritual que sucede ao desenlace sofreu poucas alterações essenciais, o mesmo não ocorre com o local do sepultamento, anteriormente indefinido de forma oficial, ocorrendo segundo as decisões dos parentes e as relações sociais ou religiosas da família.

Dessa forma, o finado poderia ser recolhido nos domínios da propriedade ou, o que era mais comum, no interior de capelas particulares ou das igrejas pertencentes às irmandades religiosas, das quais os homens bons certamente eram integrantes.

O costume de se enterrarem os mortos dentro de casa – na capela, que era uma puxada da casa – é bem característico do espírito patriarcal de coesão da família. Os mortos continuavam sob o mesmo teto que os vivos.²⁵

Os mais pobres e desafortunados, condenados, escravos, marginais e não católicos eram inumados em valas comuns, às vezes coletivas, sem registro de local ou identificação, dependendo da caridade de instituições como a Santa Casa da Misericórdia, desde o início do século XVIII.

os escravos africanos e seus descendentes, bem como os justicados, os indigentes, os falecidos o hospital da Santa Casa da Misericórdia e os escravos indígenas eram sepultados no antigo e pequeno campo santo existente junto ao morro do Castelo, por trás do hospital da Santa Casa.²⁶

Apenas na segunda metade do século XIX, devido a fatores decorrentes da urbanização, como o aumento da população funerária gerando problemas de saúde pública, em diversos países estabeleceram-se normas para sepultamento em local adequado.

Além de situá-los extramuros, procurar-se-á um local onde determinadas exigências deveriam ser respondidas, como, por exemplo, a altitude do terreno, a composição de seu solo e sua vegetação. Acreditava-se que, mal conservados e mal sepultados, os cadáveres em putrefação produziam eflúvios miasmáticos,²⁷

inicialmente fora dos limites urbanos.

A situação pode ser descrita de forma muito simples: pouca densidade populacional nos núcleos povoados, portanto poucos mortos, ainda assim divididos por vários templos e pelas próprias capelas particulares.

Até o desenvolvimento da noção de poluição causada pelos odores emanados do cadáver, era no interior das igrejas, em meio às sepulturas, que os fiéis oravam, conversavam, transitavam.²⁸

“Porque, entre outras razões, o incômodo passageiro do mau cheiro dos defuntos’ era um ato de fé e porque a dor da perda amainava na certeza de que os entes queridos jaziam em terra abençoada, esperando-os.”²⁹

Com o aumento da densidade urbana, associada à proliferação de epidemias decorrentes da falta de saneamento básico e informação preventiva, aumentou consideravelmente o número de óbitos em curto espaço de tempo, inviabilizando o processo anterior de sepultamento por falta absoluta de espaço físico. Tornava-se inevitável e inadiável a criação de um equipamento capaz de atender à premente necessidade, daí o surgimento dos cemitérios extra-muros no Brasil.

Apesar de sucessivas normas, posturas e recomendações só em julho de 1839 foi inaugurado o primeiro cemitério da cidade do Rio de Janeiro, sob responsabilidade da Santa Casa, implantado no Caju, mas apenas *com o aparecimento da epidemia de febre amarela, em 1850, com seus drásticos efeitos, é que tais cemitérios seriam realmente estabelecidos e os enterramentos deixariam de ser feitos nas igrejas*³⁰. Esta mesma Santa Casa manteve, até o início do século XXI, o monopólio da administração de quase todos os cemitérios e do serviço funerário, incluindo o crematório do Rio de Janeiro, localizado no Caju, com filas de espera para a incineração de restos mortais.

Após verdadeiras batalhas políticas, judiciais, eclesiásticas, comerciais, através do Decreto nº 583, de 05/09/1850³¹, os cemitérios públicos foram estabelecidos pela Corte, que autorizou seu funcionamento regular, com algumas exceções concedidas às Irmandades Religiosas, que já possuíam estabelecimentos próprios em funcionamento.

Muitos argumentos foram levantados, a maioria contra a implantação de cemitérios enquanto a minoria, composta por homens mais ilustrados, preocupados com questões concretas de salubridade, acatava sucessivas reivindicações de moradores das imediações dos logradouros onde se efetuavam os sepultamentos, sem nenhum critério ou zelo: *expostas a escavações e por consequência a pasto de animais carnívoros, por a indecência e nenhuma segurança do cemitério, que ora lhes serve de jazigo...*³²

Em 03/08/1871 publicava-se o “Regulamento dos Cemitérios Públicos e Particulares”, estabelecendo e organizando formas de utilização dos campos-santos, coibindo abusos e eximindo-se de algumas responsabilidades sobre a segurança das sepulturas e mausoléus.

Art. 69. “É igualmente proibido collocar sobre as covas cousa que possa tentar a cobiça dos malfeitores e ser facilmente extrahida”. A administração não responderá pelo roubo destes objectos.³³

Após a institucionalização oficial deste equipamento urbano no Rio de Janeiro, com normas específicas, a iniciativa lentamente atingiu outras cidades: Vassouras (1850), Recife (1850), Campos (1855), Salvador (1855), São Paulo (1858)³⁴, todos praticamente associados a epidemias, gerando um grande número de cadáveres, impossível de ser absorvido pela forma até então tradicional.

Situação um pouco diferente ocorria com estrangeiros cristãos, não católicos, que desde o início do século XIX, já possuíam um cemitério próprio, dos Ingleses, localizados junto ao mar, como aquele ainda

existente no bairro da Gamboa, no Rio de Janeiro. Esta iniciativa foi produto de um acordo celebrado entre o Governo Inglês e a Corte Portuguesa no Brasil, incluído entre diversas outras exigências para proteção e cooperação além mar.

templos reformistas, comprometendo-se o governo português a proteger a independência dos cemitérios protestantes, e comprometendo-se, por sua vez, os súditos britânicos a não atacarem a religião do Estado que os acolhia, nem a fazerem obra de propaganda evangélica.³⁵

Esses espaços cemiteriais apresentavam semelhança na localização privilegiada, situação que se alterou no Rio de Janeiro com o aterramento da baía da Gamboa no início de século XX, afastando definitivamente o cemitério do mar. Também assemelhavam-se na concepção paisagística e construtiva, adotando massas vegetais copadas e túmulos discretos e semelhantes.

Foram os cemitérios ingleses os primeiros campos-santos organizados neste País, em nível de necrópole privativa de elites. O da Gamboa no Rio de Janeiro, assim como o da Ladeira da Barra em Salvador da Bahia e o de Santo Amaro em Recife datam de uma mesma época e mostram a profundidade dos interesses britânicos neste amplo território da América Portuguesa.³⁶

A ocupação destes cemitérios, eufemisticamente tratados como campos-santos, reflete mesmo na morte a estratificação social registrada entre os vivos. As diferenças de classe e de credos estampam-se no tratamento dos diversos tipos de sepulturas, na seção que emerge à superfície, já que, por recomendações sanitárias, os cadáveres deveriam estar sob sete palmos de terra, em igual situação. No entanto, à vista de todos, erguem mausoléus, jazigos, sepulcros, sepulturas, carneiros, catacumbas, gavetas, monumentos funerários suntuosos, verdadeiras obras de arquitetura, diferenciando-se nos

tratamentos e epitáfios das populares covas rasas, com suas modestas cruces em argamassa ou em madeira, com um simples número a identificar o ocupante, jazido sob um discreto mais revelador monte de dois palmos de altura.

Sobre eles, desde as sepulturas mais antigas, registra-se nas lápides a vontade e a saudade dos vivos, verdadeiro ou falso, expressas em mármore ou madeira, para que todos saibam deste sentimento represado.

*Hic Jacet;
Vade in pace;
Sit tibi terra levis!*³⁷

Como uma alternativa às necrópoles tradicionais, há algumas décadas surgiram no Brasil os cemitérios-jardins, uma pretensa evolução dos cemitérios-parques. No Rio de Janeiro, o decreto-lei nº 88 que dispõe sobre a criação de cemitérios particulares data de 07/08/1969.³⁸

Segundo informação das empresas responsáveis por sua administração, esta iniciativa teria se originado nos Estados Unidos (*Memorial Garden*), propagando-se por todo o mundo e apresenta “vantagens” como aumentar a área verde das cidades com a inclusão de um novo parque, situação que pode ser observada em São Paulo, onde habitantes utilizam seu espaço como lazer ou local de seus exercícios. O partido adotado, gramados entrecortados por jardins, modificam a idéia negativa e temerosa sedimentada no ideário cotidianos, da área sombria entrecortada por cruces sem nome... A determinação de padronizar as lápides de granito, com apenas o nome de seu ocupante, impede a ostentação dos mausoléus e jazigos, definindo a igualdade absoluta de todos na derradeira morada. (Il. 6)

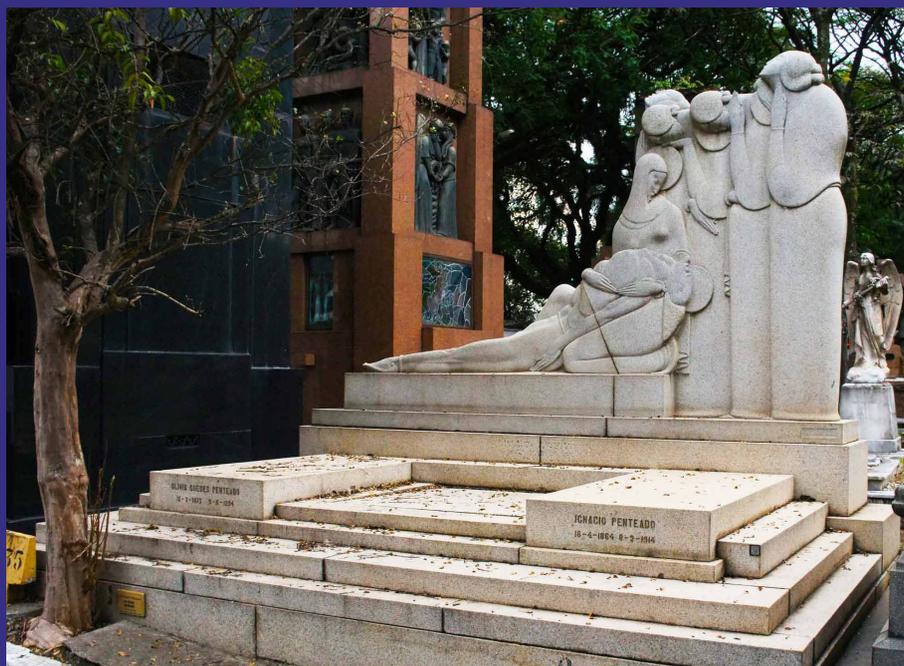
Há pouco tempo registrou-se no Brasil a implementação de cemitérios verticais e o processo de cremação dos restos mortais. Devido à burocracia imposta e às formalidades legais³⁹, esta última solução, muito viável devido aos preços extorsivos cobrados por sepulturas

PAISAGENS HÍBRIDAS

e à dificuldade cada vez mais presente em grandes centros urbanos, carentes de espaço, que abomina a proximidade com cemitérios (medo ancestral de fantasmas associado à desvalorização da propriedade⁴⁰) torna-se ainda quase inviável.⁴¹

Mantém-se, portanto, a fórmula consagrada de sepultamento, atividade economicamente atrativa a investimentos, visto a proliferação da clientela em progressão geométrica.

A atividade funerária tornou-se um negócio promissor, com empresários diversificando a oferta de produtos, procurando tornar-se atrativa a um público em franca ascensão, apesar da sua natural e ancestral rejeição inicial.



Il. 6: Escultura “Sepultamento”, de Victor Brecheret, no jazigo de Olívia Penteado, Cemitério da Consolação, São Paulo, SP.

Fonte: Acervo do *Projeto Cemitérios: lugar de dor, luto e memórias paisagísticas*, Fotografia: Rubens de Andrade.

Segundo o último levantamento do IBGE, em 1998 morreram 937 mil brasileiros. À época, o Brasil tinha 158,2 milhões de habitantes, contra 174,2 milhões hoje. Esses números permitem à Abredif (Associação Brasileira de Diretores Funerários) concluir que, em média, morre um milhão de brasileiros todos os anos.⁴²

(...) o Crematório possui um suntuoso salão de cerimônia com confortáveis acomodações, espelhos d'água verticais e granito nas paredes de pé-direito duplo e, ar condicionado central. O sistema de som possui um vasto repertório com gravações clássicas e orquestradas à escolha dos familiares. Púlpito com microfone para homenagens. Espelhos d'água verticais e granito nas paredes de pé-direito duplo e, ar condicionado central. O sistema de som possui um vasto repertório com gravações clássicas e orquestradas à escolha dos familiares. Púlpito com microfone para homenagens.⁴³

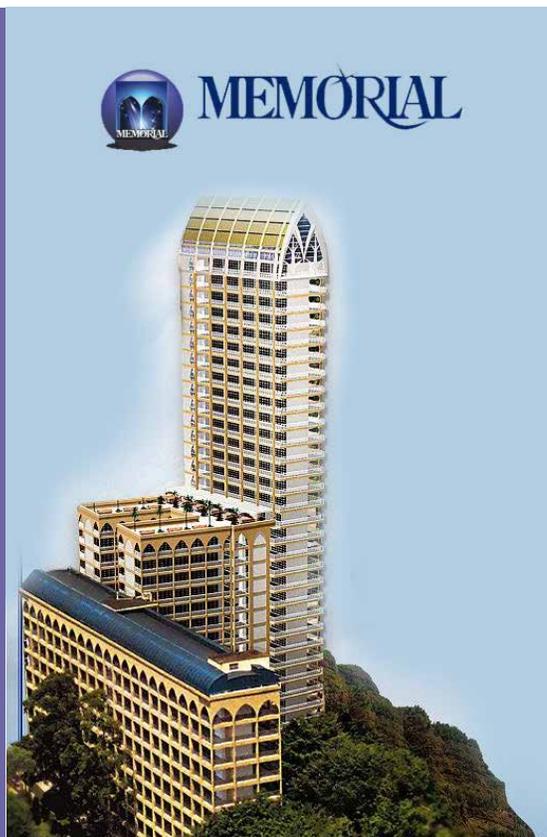
A dificuldade no oferecimento de áreas livres para implantação de novos cemitérios acabou por gerar situações insólitas, seja na resistência de moradores contrários à sua construção ou até mesmo a diminuição de espaços entre as covas ou redução no prazo para exumações. (Il. 7)

Agora, o espaço livre entre os jazigos foi reduzido. Os novos túmulos construídos pelo consórcio DCB, vencedor da licitação que privatizou os serviços, estão sendo abertos a menos de um metro das covas já existentes — quase a metade do espaço que se respeitava antes.⁴⁴

As cidades continuam a crescer. Em muitas delas registra-se a queda da qualidade de vida e ainda que a ciência produza novos medicamentos, novas doenças e fontes de contaminação acompanham este crescimento vertiginoso.

Il. 7: Memorial Necrópole
Ecumênica, Santos, SP.

Fonte: Fotomontagem. Bases
disponíveis em Disponível em
<<http://www.memorialsantos.com.br/hme>> Acesso: 07. JUL. 2018.



Ainda que exista a previsão otimista do aumento da vida média do brasileiro, a morte continua como fato inexorável, assim como o destino a ser conferido ao futuro finado.

Portanto, não é uma questão que deva ser relegada a planos secundários no planejamento das cidades, conforme fora no passado. Trata-se de um fenômeno inevitável que deve ser considerado em etapas iniciais de planejamento, considerando todas as suas condicionantes sociais, religiosas e econômicas, cada vez mais distante do pequeno cemitério interiorano, no colo da serra. (Il. 8)

Que fique o registro em latim, uma língua também já morta como o finado, a língua da liturgia, do requiem aeternam dona eis⁴⁵, conferindo o ar de erudição que o assunto sugere merecer...



II. 8: Cemitério de Santa Rita do Jacutinga – MG
Fonte: Foto do autor.

Devia ter amado mais, ter chorado mais
Ter visto o sol nascer
Devia ter arriscado mais e até errado mais
Ter feito o que eu queria fazer
Queria ter aceitado as pessoas como elas são
Cada um sabe a alegria e a dor que traz no coração.⁴⁶

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- CALVINO, Ítalo. *Cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.
- DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia/ São Paulo: EDUSP, 1978. 2v.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LANGALDE, Vincent de. *Ésoterisme, médiums, spirites du Père Lachaise*. Paris: Vermet, Collection Cimetières de Paris et d'ailleurs, 1990.

MATTA, Roberto da. *A casa & a rua - espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.

REY, Marcos. *O enterro da cafetina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

RODRIGUES, Cláudia. *Lugares dos mortos na cidade dos vivos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Vida privada e cotidiano no Brasil*. Lisboa: Estampa, 1996.

VALLADARES, Clarival do Prado. *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*. Rio de Janeiro: MEC- Conselho Federal de Cultura, 1972. 2.v.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador, BITTAR, William Seba Mallmann e ALVAREZ, José Maurício. *Vida urbana – a evolução do cotidiano da cidade brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

VIANA FILHO, Oduvaldo. *O morto do encantado morre e pede passagem*. Rio de Janeiro, INACEN, s.d.

ZARUR, Dahas. *Cemitérios da Santa Casa*. Rio de Janeiro: Binus, 1998.;

NOTAS

¹ Epígrafe comumente encontrada em portal de cemitérios.

² Definição nº 5 in Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI. Versão 3.0. Nova Fronteira/Lexicon, novembro de 1999.

³ Lembra-te homem que és pó e em pó te reverterás.

⁴ CALVINO, Ítalo. *Op. cit.* p. 127.

⁵ CARDIM, Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980. P. 94.

⁶ DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. Tomo II*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1978. p.208.

⁷ RODRIGUES, Cláudia. *Lugares dos mortos na cidade dos Vivos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997. p. 166.

⁸ Alusão a conto de Jorge AMADO, publicado primeiramente in: *Os Velhos Marinheiros*, Martins, 1958, depois re-editado isoladamente pela Record.

- ⁹ Peça teatral escrita por Oduvaldo VIANA FILHO, transformada em teleteatro.
- ¹⁰ Alusão a conto de Marcos Rey, publicado em 1967 pela Civilização Brasileira e transformado em filme em 1971.
- ¹¹ RIO, João do. *A alma das ruas In: Jangada Brasil* n. 27. Nov. 2000.
- ¹² Em 2000, uma empresa anunciou em cartazes espalhados pela cidade do Rio de Janeiro seus serviços de forma irreverente, por exemplo: Lotação: um deitado ou Como arrumar uma coroa ou ainda Como planejar a morte de sua sogra.
- ¹³ Organização Social de Luto Curitiba. Publicado: 22/05/02
- ¹⁴ DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Tomo II. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1978. p. 243.
- ¹⁵ As incelências, também chamadas de excelências ou incelenças, são cantos entoados à cabeceira dos moribundos ou dos mortos. Uma espécie de ritual de velório, com benditos e as frases apenas rimadas.
- ¹⁶ Segundo a tradição popular, esta incelença registra o medo da morte sem a preparação do finado.
- ¹⁷ MATTA, Roberto da. *A casa & a rua – espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p.136.
- ¹⁸ *idem* p. 141.
- ¹⁹ Soneto XIII, CAMÕES, Luis de, 1595.
- ²⁰ Romance de uma caveira, comp. Alvarenga, Ranchinho e Chiquinho Sales, grav. Alvarenga e Ranchinho *in: Raízes Sertanejas*, EMI, 1998.
- ²¹ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. p. LXIX.
- ²² MAIA, Thereza Regina de Camargo. *Paraty para ti*. Lorena: Stiliano, 2000. p. 33
- ²³ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião – 10 livros de poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 46.
- ²⁴ MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da inconfidência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 24-25.
- ²⁵ FREYRE, Gilberto. *Op.cit.* p. LXVIII.
- ²⁶ *Apud* FAZENDA, José Vieira. Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921. Tomo 86, v.140. p. 348. *in: RODRIGUES, Cláudia. Lugares do mortos na cidade dos vivos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997. p. 70.
- ²⁷ RODRIGUES, Cláudia. *Op.cit.* p. 59.
- ²⁸ RODRIGUES, Cláudia. *Op.cit.* p. 68.

- ²⁹ Apud REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. In: RODRIGUES, Cláudia. *Op. cit.* p. 67.
- ³⁰ RODRIGUES, Cláudia. *Op. Cit.* p.103.
- ³¹ ZARUR, Dahas. *Cemitérios da Santa Casa*. Rio de Janeiro, 1998. p. 25.
- ³² Apud AGCRJ – Cemitério da freguesia da Lagoa – 1834 a 1836. Representação do vigário da freguesia de São João Batista da Lagoa à Câmara Municipal, de abril de 1934 In: RODRIGUES, Cláudia. *Op.cit.* p. 80.
- ³³ Recolhido na Administração do Cemitério de Inhaúma, Rio de Janeiro.
- ³⁴ RODRIGUES, Cláudia. *Op.cit.* p. 104.
- ³⁵ LIMA, Oliveira. *Dom João VI no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945. V. III. p. 867.
- ³⁶ VALLADARES, Clarival do Prado. *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*. Rio de Janeiro: MEC – Conselho Federal de Cultura, 1972. 2.v. V. II. p.1335
- ³⁷ Inscrições comuns em lápides que significam: ‘*Aqui Jaz*’, ‘*Vá em paz*’, ‘*A terra te seja leve*’. n.a.
- ³⁸ ZARUR, Dahas. *Cemitérios da Santa Casa. Op. cit.* p. 47.
- ³⁹ Existe uma despesa cartorial para o registro de documento, assinado por duas testemunhas, com a manifestação expressa do requerente sobre a vontade de ser cremado.
- ⁴⁰ *Outras áreas que comprovam que a localização gera variação no valor do imóvel são os cemitérios. Enquanto imóveis próximos ao cemitério da Consolação (centro) têm os preços congelados...* in Folha de São Paulo. São Paulo, 12/05/02
- ⁴¹ Em julho de 2018, os serviços de cremação estão orçados em R\$ 2.108,00. Disponível em <<https://www.santacasafuneraria.site/crematoriomemorial>> acesso: 07.jul. 2018.
- ⁴² *Idem*.
- ⁴³ Texto promocional incluso no site <http://www.memorialcemiterio.com.br/>
- ⁴⁴ Distância Entre os Túmulos Fica Menor in: Correio Braziliense - Brasília/DF, 17/05/02.
- ⁴⁵ Parte do ofício dos mortos, na liturgia católica, que principia com estas palavras latinas que significam “*dai-lhes o repouso eterno*”.
- ⁴⁶ Trecho da música *Epitáfio*, composta por Sérgio BRITO, grav. Titãs in 2002.